

A RÚSSIA SEGUNDO DEUTSCHER: À PROCURA DA REVOLUÇÃO PERDIDA

JUAREZ RUBENS BRANDÃO LOPES



Os acontecimentos na Polônia, brutalmente interrompidos pelo golpe militar, convidam à reflexão. Ainda não se tem nem a informação nem a distância histórica suficientes para avaliar o seu real significado. Entretanto, ao menos, eles já serviram para sacudir os intelectuais do Ocidente de sua cômoda suposição sobre o imobilismo social e político da Europa Oriental. Crença que as rebeliões das décadas recentes já deviam ter abalado, mas que, não obstante, tem estranha tendência para se reafirmar.

Sobre a Rússia, Isaac Deutscher, em 1953, após a morte de Stalin, encontrou dificuldade em convencer os membros da academia inglesa de que o monolitismo totalitário stalinista não era eterno. Na Rússia, também, a história não terminara. Só por esta atitude vale a pena voltar a Deutscher. Parece que ele foi o único que, desde logo, apostou na viabilidade e na probabilidade, dada sua análise estrutural e marxista, de crises e *revoluções* nos países do "socialismo real".

De fato, há razões para se retomar Isaac Deutscher. Para reler não só as magistrais biografias de Stalin e Trotski (livros que não perdem os seus leitores), mas também sua produção jornalística após a morte de Stalin, que com o tempo corre o risco de ser esquecida. As próprias qualidades de biógrafo e de jornalista podem ter escondido para muitos a argúcia de sua análise política. Análise original, filiada às idéias de Trotski, tida em alta conta pelos marxistas ingleses.

Na verdade, Deutscher revela um pensamento marxista comprometido com o socialismo, avesso a formulas estereis e atento aos aspectos emergentes da realidade. Pensamento singular, no meio das loas e vitupérios que dominavam a discussão. E hoje?

Hoje, entre socialistas no Ocidente, e também entre comunistas não mais fiéis a Moscou, joga-se fora o bebê com a água do banho. A Rússia é o socialismo que não deu certo. *Ergo...* dá-se de ombros e pensa-se noutra coisa. Desintereresse injustificável e grave. Para os bolcheviques de 1917, sabemos, a Revolução Russa era o prelúdio da européia. A corrente partia-se no seu elo mais fraco. Isso não ocorreu. Mas será que o socialismo no Ocidente nada terá a ver com o futuro da Revolução Russa, agora a desenrolar-se numa sociedade profundamente transformada... uma sociedade que se industrializou e urbanizou a fórceps, com uma estrutura social marcada pela propriedade pública dos meios de produção?

Em 1967, Deutscher advertia que a Revolução Russa estava em desenvolvimento. Podia ainda dar súbitas voltas.

Na Rússia, a Revolução eliminam todos os agentes possíveis de restauração. A burocracia, sem continuidade (lembramo-nos dos expurgos), insegura de si mesma, incapaz de perpetuar seus privilégios pela herança, tampouco podia ganhar a coesão necessária para deter o processo revolucionário.

O papel dos camponeses

Procuremos, porém, as raízes dessa concepção. À maneira clássica, Deutscher vê as causas profundas da Revolução nas estruturas econômicas, mas seu interesse está nas condições ideológicas e políticas.

No processo revolucionário, o Partido e a liderança têm papel básico, particularmente naquele momento em que a psicologia das massas, atrasada em relação às suas condições de existência, salta repentinamente à frente. Mas sobre a liderança pesa o passado. Ao contrário das vanguardas do século XIX, os marxistas encontraram no operariado de Petrogrado e de Moscou a base social necessária. A História, porém, não se constrói *ex nihilo*. Eles, que negavam o "socialismo agrário", foram herdeiros dos *narodniks* e terroristas.

Em Lenin, juntou-se o marxismo ocidental e a tradição revolucionária russa. O proletariado seria a coluna vertebral da Revolução, mas o campesinato, maioria da população, teria também o seu papel. Herdou-se ademais a orientação conspiratória do passado. Todos ainda, inclusive os operários, acreditavam, em 1917, que a Revolução Russa era parte de uma revolução mundial.

Dessas circunstâncias resultou o caráter contraditório da Revolução, ao mesmo tempo burguesa – com a distribuição de terras aos camponeses – e proletária, orientada para a abolição da propriedade privada. A burguesia russa, frágil e atemorizada ante a maré revolucionária, não pôde fazer a sua revolução. Com a inexistência de uma forte classe operária, foi preciso aliar na mesma revolução operários e camponeses, classes com objetivos opostos. Esse fato marcou a história russa por várias décadas.

Ponto central dessa interpretação é a fraqueza do proletariado em 1917 e o seu virtual esfacelamento durante as intervenções estrangeiras e a guerra civil. Enquanto a revolução burguesa sobrevivia na realidade tangível da vida rural, escreve Deutscher, a revolução socialista pairava como um fantasma no ar.

Lenin procurou resolver o dilema restaurando temporariamente o mercado com a NEP; Stalin destruiu a revolução burguesa com a coletivização brutal do campo. Fez isso, porém, *sem* existir o su-

posto básico do socialismo: a generalização do caráter social da produção industrial.

Nessas condições está a raiz da degeneração burocrática do regime. Na ausência da classe operária, os bolcheviques passaram a agir como seus lugartenentes. Stalin, homem hábil, despótico e sem escrúpulos, preencheu o papel demandado pela História. Uma lógica férrea passou a estreitar o círculo do poder: dos vários partidos de esquerda ao partido único, das várias facções à facção única, até chegar ao poder absoluto do secretário-geral.

Os ideais de 17

Onde está então a continuidade revolucionária? Para Deutscher, esta continuidade revela-se no apego aos ideais de 1917, que repousa, por sua vez, na preservação da maior conquista revolucionária: a abolição da propriedade privada e a nacionalização dos bancos e indústrias. Com isso surgiu, imperfeito embora, um novo ambiente social, garantindo certa coerência na direção da mudança havida.

Além da dispersão-aniquilamento da classe operária e da impossibilidade de fundar o socialismo na escassez, Deutscher utiliza-se de outra noção também tomada de empréstimo de Trotski para explicar a degeneração burocrática: o isolamento internacional da Revolução. A Primeira Grande Guerra inaugurou de fato um ciclo revolucionário, mas o seu desfecho, ao invés de dado, "foi decidido na própria luta". Em 1923, com a derrota da revolução alemã, evidenciou-se o isolamento da Revolução Russa como fato inelutável. Stalin e Bukarin, com a doutrina do "socialismo num único país", transformaram a necessidade em virtude. Descartou-se facilmente demais a chance de futuras revoluções no Ocidente. Para Deutscher, a política do Comintern foi decisivamente negativa em importantes conjunturas internacionais, assinalando sobre o segundo pós-guerra: "concretizou-se, de forma distorcida embora, o potencial revolucionário da Europa Oriental, enquanto que, na Europa Ocidental, tal potencial foi anulado".

Nesse passo, um confronto entre Deutscher e Trotski é pertinente. Na verdade, pode-se falar da teoria Trotski-Deutscher do stalinismo, pois as idéias básicas são semelhantes. Deutscher, porém, leva às últimas conseqüências o pensamento de Trotski e chega a conclusões distintas. Percebe os germes da degeneração burocrática mesmo antes da ascensão de Stalin à Secretaria Geral do Partido, em abril de 1922.

Com a classe operária "pulverizada",

A derrota da revolução alemã evidenciou o isolamento da revolução na Rússia

NOTA EXPLICATIVA

Esse artigo baseia-se numa versão mais longa a ser publicada, pela Editora Atica, como introdução a uma coletânea de escritos de Isaac Deutscher. Além dos livros de Deutscher, utilizaram-se os artigos publicados em David Horowitz (org.), *Isaac Deutscher. The Man and His Work*, Londres, MacDonald, 1971.

O stalinismo continha em si a sua negação

"os soviets de 1921-22, ao contrário dos de 1917, não eram e não podiam ser representativos..." "Aqui e ali, pequenos grupos de veteranos da luta de classes se reuniam e discutiam a perspectiva da Revolução. Outrora, formavam a verdadeira 'vanguarda' da classe operária. Agora, eram apenas um punhado". À sua própria indagação sobre quem, em 1921, o Partido Bolchevique representava, responde; "Apenas a si mesmo", e acrescenta: "... mantinha-se no poder por usurpação".

Ao tratar da luta entre Stalin e a Oposição nos anos 20, Deutscher também modifica Trotski. Aponta os seus erros táticos de 1923 a 1926 e mostra a influência de sua personalidade sobre o resultado da luta. Para ele, porém, foi a própria realidade russa, passada a onda revolucionária de 1917-19, que impossibilitou a concretização da plataforma de Trotski. Como realizar a democracia operária com o proletariado fragmentado, os seus melhores líderes dizimados, com a perda de fervor revolucionário da massa e o desânimo com a NEP e a perspectiva de isolamento indefinido da Revolução? Assim, Trotski estava "condenado a lançar no vazio todos os seus troves e raios".

O stalinismo continha em si a sua negação. Foi ele mesmo – produto que era da dispersão do operariado e do desaparecimento da sua vanguarda, da incongruência do socialismo num país atrasado e internacionalmente isolado – que deslanchou brutalmente a “segunda revolução”, com a coletivização forçada e a industrialização.

Mais tarde, no segundo pós-guerra foi também o stalinismo, *malgré lui*, que quebrou o isolamento da Rússia, impondo a "revolução de cima" na Europa Oriental. Manifestava-se assim, de maneira disforme, a continuidade revolucionária.

Como era natural, Trotski via a Rússia com enorme ambigüidade. Era o "Estado dos Trabalhadores". O stalinismo, porém, representava total ruptura com o bolchevismo. Assim, para ele a intensa industrialização e coletivização não passavam de uma fase transitória da política de Stalin. Já Deutscher vê naqueles fatos a continuidade da tradição bolchevique, derivada da permanência da economia nacionalizada, vista como fato estrutural básico.

A saude dos stalinistas

Para Deutscher, a burocracia não possuía condições para transformar-se numa classe e não podia deixar de defen-

der a economia nacionalizada, i.e., a fundação do socialismo. A Rússia, assim, ao invés de mover-se para a restauração capitalista, "na realidade movera-se na direção da economia planejada, da expansão industrial e da educação das massas: e tudo isso, apesar de todas as distorções (eram)... os requisitos essenciais para a construção do socialismo".

Pela própria mudança que provocou, o stalinismo destruiu as condições de sua permanência. Já em 1949, ao terminar a biografia de Stalin, Deutscher percebia as mudanças que haviam ocorrido na Rússia e previa que, com "o desenvolvimento da civilização", os costumes bárbaros da era stalinista seriam ultrapassados. Os contornos básicos da sua teoria da desestalinização acham-se já definidos em *A Rússia Depois de Stalin*, escrito em poucas semanas, após a morte do ditador em 1953.

A desestalinização seria um processo longo, desigual e contraditório. Em todos os ensaios que escreveu sobre o processo político em curso na Rússia, pintava, sempre, os progressos com cores vivas e supunha que, a longo prazo, os efeitos seriam cumulativos. O cerne de sua argumentação consiste em destacar as novas forças sociais que haviam surgido na Rússia com a industrialização e a urbanização; a "desruralização" da vida social, a formação do operariado industrial e a elevação do seu nível técnico e educacional, tudo, lembra-nos reiteradamente, como parte de uma dada estrutura social, na qual os meios de produção são propriedade pública. Dessas mudanças surgiram novas expectativas, novas demandas e novas vozes políticas, que no futuro (escrevia em 1960) impulsionarão as massas "a buscar as liberdades de expressão e associação, mesmo que para tanto entrem em conflito com a burocracia governante".

Com o tempo, os seus prognósticos se alteraram e adquiriram cores menos otimistas, particularmente quando se esgotou na Rússia o impulso reformista inicial e ocorreu mesmo certa reestalinização.

Nos ensaios que escreveu sobre as mudanças na sociedade soviética após Stalin, os melhores dos quais se acham recolhidos no volume *Ironias da História* (1967), Deutscher enfatizou sempre as *limitações* da desestalinização em curso. O processo era na sua essência contraditório, sendo para ele impossível, por um lado, haver liberalização política impulsionada por pressões organizadas "de baixo", dados os decênios de obliteração sistemática das iniciativas da base e a conseqüente atomização política. E

como poderia vir uma liberalização genuína "de cima", promovida por uma liderança constituída de bons stalinistas, cujos hábitos de mando formaram-se na época da coletivização forçada e dos expurgos?

Para esses líderes, imbuídos durante longos anos de uma psicologia "de cerco", crítica e debates públicos seriam sempre anti-socialistas. Ademais, "cripto-stalinistas", homens que fizeram suas carreiras na era de Stalin, encastelados na hierarquia do Estado e do Partido, olhariam sempre com saudades para os bons tempos, sem discussão, do secretário-geral.

Aponta, afinal, uma espécie de stalinismo social, de permeio na sociedade, conformista e desconfiada de inovações. O stalinismo, no pensamento de Deutscher, não é apenas um *sistema*, mas também uma *cultura*.

Nesse modo de ver as resistências à transformação política, percebem-se as razões do seu otimismo visceral. Sem descartar a possibilidade de uma explosão política, sua argumentação caminhava noutra direção. O revigoramento democrático das estruturas se daria, fosse com uma ruptura ou por um itinerário tortuoso e ambíguo, sem necessidade de transformação básica do aparelho institucional, econômico e administrativo.

Para Trotski, só havia duas alternativas para a Rússia de Stalin: a restauração capitalista ou uma revolução contra o absolutismo burocrático. Sendo distinta a concepção de Deutscher sobre a burocracia soviética, é também distinta sua visão do futuro. Para ele, se é evidente o apego ao privilégio burocrático, nenhuma tendência da burocracia para apropriar-se dos bens públicos era ou é perceptível. Em sua opinião, não havia tendência da burocracia tornar-se uma classe, e nela era forte o apoio ao caráter público da propriedade e à ideologia revolucionária original.

Em suma, para Deutscher, "a primeira linha de defesa" dessa ditadura burocrática pós-capitalista que é a Rússia, a linha política, é também a última. Onde ser tão tenaz a sua resistência à democracia socialista.

Alguns autores, como Raymond Aron, viram nas idéias de Deutscher apenas uma variante das teorias de modernização. Não perceberam que a sua análise não implicava qualquer dedução a-histórica da dinâmica geral da industrialização-modernização, e, sim, um estudo das mudanças específicas da sociedade soviética, uma sociedade histórica e culturalmente determinada, onde existe a propriedade pública dos meios de produção.

Do campo oposto, críticos marxistas levantaram dúvidas sobre o caráter *socialista* dos progressos realizados na Rússia. Não seria o stalinismo apenas o mediador da industrialização soviética, fechando ao mesmo tempo a possibilidade do desenvolvimento socialista? Com a elevação do nível material, não haveria o perigo do aburguesamento da classe operária e o reaparecimento do mercado?

Está-se raciocinando, responde Deutscher, com analogias fáceis com os países ocidentais. Ademais, mesmo para esses países, não se pode aceitar como certa e irremediável a integração do operariado à estrutura do capitalismo avançado – posição esta mais fácil de aceitar hoje do que quando escreveu.

Objetividade e paixão

Deutscher sempre pôs a questão do socialismo na Rússia em termos de confronto entre a burocracia privilegiada e a consciência em evolução das massas trabalhadoras, as suas expectativas e capacidade de oposição organizada. Nunca fez, porém, uma crítica estrutural, fosse ao sistema dos soviets, à instituição do planejamento central ou ao sistema de coletivização rural. Tais questões pareciam-lhe de menor importância, talvez porque considerasse correta a estrutura básica da sociedade soviética e que nela funcionariam, no futuro, os processos políticos de uma democracia operária, ou porque achasse, ao contrário, que do exercício dessa democracia resultariam depois as mudanças estruturais. Desse ponto de vista, a sua obra distingue-se nitidamente da de analistas posteriores do socialismo, como Rudolf Bahro, com sua *A Alternativa*.

* * *

Nas suas biografias políticas *Stalin* e *Trotski*, as personagens contrapostas ao processo revolucionário ganham dimensões trágicas. Nesses livros, a compreensão da própria Revolução atinge profundidade inusitada. Mais importantes, talvez, são a atitude e a visão que Deutscher legou às ciências sociais: para o estudo de um dos maiores acontecimentos da História, cujo significado foi ser obscurecido pela tendenciosidade, ele trouxe a objetividade aliada à paixão comprometida com o socialismo. Aos socialistas do Ocidente, nos seus tempos de descrença, lembrou que a Revolução Russa *sua res agitur* e que a eles cabia a próxima iniciativa.

Deutscher
distingue-se
nitidamente
de analistas
como Bahro